

Sumário

Prefácio 7

Apresentação 11

1. Por que estudar o luto na atualidade? 17

MARIA HELENA PEREIRA FRANCO

2. Os estudantes de medicina e o encontro
com a morte: dilemas e desafios 43

GEÓRGIA SIBELE NOGUEIRA DA SILVA

JOSÉ RICARDO DE CARVALHO MESQUITA AYRES

3. Equipe de saúde: vinculação grupal e vinculação terapêutica 73

TEREZA CRISTINA CAVALCANTI FERREIRA DE ARAUJO

MAÍRA RIBEIRO DE OLIVEIRA NEGROMONTE

4. Morte, equipe de saúde e formação profissional:
questões para atuação do psicólogo 101

ROBERTA ALBUQUERQUE FERREIRA

ELIZABETH QUEIROZ

5. Instrumento de avaliação do luto e suas funções terapêuticas:
a experiência em um serviço de pronto atendimento ao enlutado 123

AIRLE MIRANDA DE SOUZA

DANIELLE DO SOCORRO CASTRO MOURA

JANARI DA SILVA PEDROSO

6. A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores 145

MARIA JULIA KOVÁCS

7. O abrigamento precoce: vínculos iniciais e desenvolvimento infantil 169

GABRIELA GOLIN

SILVIA PEREIRA DA CRUZ BENETTI

8. Rompimento de vínculos, depressão em crianças e possibilidades de intervenção 191

VERA REGINA RÖHNELT RAMIRES

SORAIA SCHWAN

9. A preservação dos vínculos parentais no contexto da guarda compartilhada 215

MARIA LUCIA CAVALCANTI DE MELLO E SILVA

MARIA CRISTINA LOPES DE ALMEIDA AMAZONAS

10. Eu e os filhos da minha mulher: uma relação tão delicada... 239

ROSANE MANTILLA DE SOUZA

MARIA THEREZA DE ALENCAR LIMA

11. O velho e o novo na transformação dos relacionamentos masculinos: *Don Juan de Marco* 265

DURVAL LUIZ DE FARIA

Prefácio

AMOR E LUTO, VÍNCULO E PERDA são duas faces da mesma moeda: não se pode ter uma sem ter a outra. O luto é o custo do amor, e a única maneira de evitar a dor do luto é evitar o amor. No entanto, a maioria de nós prefere pagar esse preço a viver uma vida sem afeto. Grande parte dos seres humanos passa pela dor do luto sem danos psicológicos duradouros, podendo mesmo amadurecer em consequência dele. No entanto, existem vários problemas nesse percurso, de modo que uma minoria viverá um sofrimento com consequências indesejáveis para sua saúde física e mental.

Nos últimos anos, muito se aprendeu sobre a natureza dos vínculos humanos e sobre os problemas e oportunidades que eles originam. Tive o privilégio de ter sido orientado por três líderes cujo trabalho nos serve de inspiração: John Bowlby, que muito justamente é conhecido como o pai da teoria do apego; Mary Ainsworth, cujo teste da situação estranha (estudo sistemático sobre separações breves entre crianças pequenas e suas mães) abriu a porta para o estudo científico dos padrões de apego seguro e inseguro aos pais; e Cicely Saunders, que criou um modelo de cuidados físicos, psicológicos, sociais e espirituais que removeu o estigma da morte e trouxe paz, no final da vida, para pacientes e suas famílias no mundo todo.

Esses mestres me guiaram – e a muitos outros – no aprendizado sobre amor e perda. Com Bowlby, participei das descobertas

tas dos padrões problemáticos do luto após a morte e na resposta à questão: “Por que algumas pessoas passam pelo processo de luto e dele emergem mais fortes e mais sábias, enquanto outras sofrem problemas psicológicos por muito tempo?” Cicely Saunders, no *St. Christopher’s Hospice*, deu-me a oportunidade de realizar a primeira pesquisa com amostra aleatória sobre a eficácia de intervenções necessárias para pessoas cujo luto não estivesse se encaminhando para a resolução. Os padrões de apego descritos por Ainsworth possibilitaram-me desenvolver uma medida retrospectiva para os apegos infantis, a fim de prever a vulnerabilidade ao luto anos mais tarde.

Ao longo das últimas décadas, muitos clínicos e pesquisadores contribuíram para aumentar esse conhecimento. Gradualmente, as peças do quebra-cabeça do amor e da perda estão sendo montadas e é estimulante saber que esse trabalho agora vem se desenvolvendo em muitos outros centros de estudo no mundo todo. Ele é uma contribuição para aliviar imenso sofrimento.

Uma pessoa cujo trabalho conquistou meu respeito é Maria Helena Pereira Franco. O Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), fundado por ela, é importante centro de pesquisa e serviços na área. Maria Helena traduziu dois dos meus livros para o português¹ e foi graças a ela que obtive o privilégio e o prazer de ir ao Brasil em várias ocasiões, o que me permitiu conhecer muitos dos jovens psicólogos e terapeutas que têm dado continuidade a esse trabalho pioneiro no país. Durante minhas visitas ao Brasil, fiquei impressionado com o entusiasmo, o compromisso e a capacidade de acolhimento dos muitos estudantes e profissionais que fazem um trabalho bastante promissor.

Este livro nos dá uma visão da amplitude de problemas causados pela relação amor e perda e serve de base à vasta gama de

1. *Luto – Estudos sobre a perda na vida adulta* (Summus, 1998); *Amor e perda – As raízes do luto e suas complicações* (Summus, 2009).

profissionais para quem os conhecimentos nesse campo são muito valiosos. Ele aborda problemas relacionados com a morte e o curso do luto; dificuldades decorrentes da separação de filhos e pais e da separação de parceiros em razão de divórcio; questões presentes na relação terapeuta-paciente, pais-filhos, indivíduos-grupos. Assim, oferece informação e conhecimento a estudantes de medicina e médicos, enfermeiros e assistentes sociais, professores e pais, psicólogos, psiquiatras e muitos outros.

Todas essas pessoas cuidam de outras pessoas e se importam com elas. O valor do cuidado que oferecem está na sua qualidade, e essa é uma forma de relação de amor.

COLIN MURRAY PARKES

Apresentação

ESTE LIVRO É UM DOS RESULTADOS de um trabalho coletivo, iniciado em 2006, em Florianópolis, quando um grupo de psicólogos com interesses convergentes se reuniu pela primeira vez, em torno de uma proposta que poderia ter sido vaga o suficiente para dispersá-los: formação e rompimento de vínculos. No entanto, vemos que o grupo permaneceu trabalhando, mesmo com os movimentos naturais, inerentes a todo sistema vivo, de entrada e saída de seus membros. Essa primeira reunião coincidiu com o início dos trabalhos sobre o tema formação e rompimento de vínculos, pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (Anpepp) e gestou este livro, que ainda foi discutido e criado ao longo de dois outros encontros presenciais, em Natal, 2008, e em Fortaleza, 2010. Os encontros virtuais, facilitados pelos recursos da informática, foram inúmeros, o que nos fez muitas vezes pensar como era possível as pessoas se comunicarem antes do surgimento da rede mundial de computadores.

Aqui estão representadas sete universidades, de cinco estados brasileiros, além de Brasília, DF. Vínculos formados e rompidos; este grupo de psicólogos e professores universitários encontrou espaço para trazer suas ideias, perguntas, dúvidas e certezas sobre os temas aos quais se dedicam e que os aproximaram.

Encontramos aparente divisão entre os temas abordados, que poderiam ser agrupados em dois eixos: o de relações no âmbito da

família e o dos serviços de saúde e formação de pessoal para essa área. A divisão, portanto, é apenas mais um ponto que possibilita ao grupo desenhar com maior precisão seu perfil. A nota de fundo, o fio condutor, é que a leitura nos leva a identificar a contemporaneidade dos temas apresentados. Formar e romper vínculos faz parte da identidade humana, não se restringe a um único contexto, mas interage com os diferentes contextos que permitem sua expressão. Buscamos esse resultado em nosso trabalho cotidiano e também que essa atitude estivesse presente neste livro.

Vamos acompanhar, então, a sequência apresentada.

Inicialmente, o capítulo que coloca as razões para estudo do luto, *Por que estudar o luto na atualidade?*, relata uma evolução no cuidado com o tema objeto de pesquisas e o traz para os dias de hoje, excetuando duas condições que devem ser tratadas em separado, dada sua complexidade, ou seja: luto infantil e luto em decorrência de situações de violência. A teoria do apego fundamenta sua proposição, ao mesmo tempo em que não a limita, pois permite conhecer olhares variados e questionadores, em resposta a novas demandas que atraem os pesquisadores, como, por exemplo, a discussão sobre a validade de introduzir o conceito de luto complicado na nova edição do DSM-V, a ser publicada em 2013.

O capítulo sobre a experiência dos estudantes de medicina ao defrontarem com a morte de seus pacientes, *Os estudantes de medicina e o encontro com a morte: dilemas e desafios*, desnuda a realidade de uma formação ainda distorcida pela proposta de negar a morte como possibilidade e como experiência a ser vivida também pelo médico, não somente pelo ser que morre ou pela sua família. A prescrição para o não envolvimento do médico, além de artificial, atua antipedagogicamente, ao privar o profissional em formação de uma experiência com excelentes possibilidades de crescimento, para lidar com os vínculos formados com seu paciente e entendê-los como uma atualização de experiências primárias de apego. Os autores ouviram com atenção o relato dos

futuros profissionais e identificaram o quanto uma escolha pela medicina traz um ideal que pode naufragar nos primeiros contatos com a realidade.

No terceiro capítulo, *Equipe de saúde: vinculação grupal e vinculação terapêutica*, é discutida a relação que se cria entre os que cuidam e aqueles que recebem os cuidados, com destaque para o grupo de cuidadores, a partir da perspectiva de que cuidados de saúde requerem uma ação multidisciplinar. A definição de saúde, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, implica essa postura de superar limites de campo de conhecimento, para que se crie um campo comunicacional e relacional fluente entre as diferenças, em benefício dos atores desse cenário complexo. Essa é a tônica da discussão desse capítulo, que a amplia para identificar possibilidades de relação.

Em uma sequência natural, o quarto capítulo, *Morte, equipe de saúde e formação profissional: questões para atuação do psicólogo*, nos leva a refletir sobre a atuação do psicólogo a partir de sua formação para atuar considerando as possibilidades de interação multiprofissional, em contexto de saúde e doença, sobretudo diante da possibilidade de morte de seu paciente. As fronteiras entre os campos do saber e da atuação são mostradas e discutidas, de modo que os formadores de profissionais de psicologia, como as autoras desse capítulo, possam transitar em terrenos conhecidos e também ousar ampliar ou flexibilizar essas fronteiras, em nome da multiprofissionalidade que não ponha a perder as especificidades de um campo de ação.

A experiência de um grupo da Universidade Federal do Pará em oferecer cuidados a enlutados está apresentada no capítulo *Instrumento de avaliação do luto e suas funções terapêuticas: a experiência em um serviço de pronto-atendimento ao enlutado*. Fundamentado em pesquisas, destaca-se a necessidade de desenvolver instrumentos de avaliação que sejam feitos especificamente para pessoas que tenham sofrido perdas ou vivenciado uma situação de crise. Vale destacar o fundamento na proposição de

entender luto a partir do modelo biopsicossocial, o que se revela na composição do instrumento e na forma de avaliar as respostas. A utilidade desse instrumento está ainda por ser mensurada, pois se abrem possibilidades de aplicação em diversas situações, que são exploradas no capítulo.

Outro campo de interesse para estudos sobre formação e rompimento de vínculos está no ambiente escolar, mais especificamente na formação dos educadores, assunto abordado no capítulo *A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores*. Sabemos quanto o tema da morte era entendido como tabu no século XX, e ainda o é neste século. A autora aborda exatamente essa questão paradoxal na formação do educador, que deveria ser um agente de transformação, por definição, mas se encontra restrito quando se trata de lidar com uma experiência, um conceito e um valor intrinsecamente relacionado à morte.

Em um sentido estreitamente relacionado à proposta do tema que discutimos e estudamos, o capítulo *O abrigo precoce: vínculos iniciais e desenvolvimento infantil* trabalha com a ideia de que é possível e desejável que o desenvolvimento infantil aconteça pelas vias da saúde, mesmo em condições adversas, como é o caso de crianças que têm os vínculos rompidos com a família de origem, independentemente do motivo. Sabemos quanto as condições de vida na atualidade não são favoráveis à manutenção de condições de saúde na vida familiar e que a instituição família é uma caixa de ressonância da sociedade. Se entendermos também que a família tem a função de transmitir os valores da cultura e garantir a sobrevivência da espécie, buscamos os mecanismos da sociedade para a promoção da saúde ou, ao menos, para o controle de danos. Nesse capítulo, os efeitos de uma experiência de abrigo precoce são discutidos, com vistas a entender o que promovem e a oferecer condições gerais de cuidados às crianças nesses locais.

Como um aprofundamento do anterior, porém voltado para a condição em que esses mecanismos da sociedade falham, o

capítulo *Rompimento de vínculos, depressão em crianças e possibilidades de intervenção* apresenta importante discussão sobre técnicas de intervenção para lidar com um problema de extrema gravidade, ou seja: o desamparo em crianças privadas de sua base segura para crescer com saúde. Fazendo uso da vertente psicanalítica da teoria do apego, esse capítulo traz as reflexões necessárias para que sejam discutidas as intervenções realizadas, não somente no âmbito do domínio da técnica, mas também da fundamentação que dê substrato à ação.

Considerando-se as transformações pelas quais passa a família contemporânea, o capítulo *A preservação dos vínculos parentais no contexto da guarda compartilhada* aborda uma situação ainda recente em nosso país, que é a guarda compartilhada. Nele, psicólogos e também juristas e profissionais que lidam com famílias, sob diversas perspectivas, têm oportunidade de conhecer mais sobre pontos de suporte na vida cotidiana para que uma decisão, mesmo que amparada juridicamente, se traduza em formas de relacionamento saudáveis.

Ainda com foco nas experiências familiares da atualidade, no capítulo *Eu e os filhos da minha mulher: uma relação tão delicada...*, somos levados a refletir sobre implicações no cotidiano de famílias depois que termina a lua de mel, com disputas de auto-ridade, crises de lealdade e outros problemas que podem vir mascarados de dificuldades de relacionamento com as novas figuras que passam a fazer parte dessa família. As autoras deram voz aos atores desse cenário, de maneira que possibilitasse a compreensão dos fatores que tornam essa relação tão delicada e, ao mesmo tempo, tão necessária para a manutenção de pilares de saúde e desenvolvimento.

Por fim, o capítulo *O velho e o novo na transformação dos relacionamentos masculinos: Don Juan de Marco* leva o leitor a refletir sobre estereótipos de gênero, a partir de uma visão junguiana. Falar de apego adulto, de como os homens se vinculam, implica falar de arquétipos e do contexto em que essa

masculinidade se expressa, e o filme que serviu de pano de fundo para a discussão aqui apresentada possibilitou que o tema fosse abordado com profundidade e sensibilidade.

Este livro representa, portanto, uma finalização e um início. Ele encerra um tempo de formação de um grupo que nasceu, cresceu, teve as crises esperadas do desenvolvimento e construiu seus vínculos, de maneira que profissionais com interesses em comum pudessem construir um legado para que outros o ampliem, qual seja, seus estudos e suas pesquisas. É um início, porque de nossas reuniões nascem ideias, projetos que esperamos e desejamos poder realizar e assim dar andamento ao ciclo da vida.

MARIA HELENA PEREIRA FRANCO

1. Por que estudar o luto na atualidade?

MARIA HELENA PEREIRA FRANCO

NO INÍCIO DE MEUS ESTUDOS SOBRE LUTO, em meados da década de 1980, tive a felicidade de ir à Inglaterra em busca de material de leitura para fundamentar minhas pesquisas. Não fui por acaso àquele país, muitos motivos eu tinha para voltar a Londres e lá permanecer. Além de uma antiga paixão pela cidade, lá haviam sido realizados estudos importantes aos quais me dedicava desde os tempos de graduação em Psicologia. Falo mais especificamente do trabalho de John Bowlby na formulação da teoria do apego e da continuidade desse trabalho na Clínica Tavistock, onde estudei e para onde retornei algumas vezes e cuja importância valorizo a cada dia em meu trabalho. Em uma dessas estadas em Londres, conheci o trabalho de Colin Murray Parkes, que trabalhara com Bowlby na Tavistock e vinha ativamente desenvolvendo pesquisas e formas de cuidados dirigidos a pessoas enlutadas, no *St. Christopher's Hospice*, em Londres. Nessa época, iniciei um contato com ele que se tornou amizade, e me proporciona um constante aprendizado.

A partir dessas experiências, quando avalio o percurso em busca do conhecimento sobre o processo de formação e rompimento de vínculos com a ênfase que escolhi dar, ou seja, o luto, percebo que o tema ainda provoca em mim o desejo de me aprofundar mais, de desvendar aplicações possíveis e necessárias para esse conhecimento, juntamente com as perguntas que naturalmente emergem de uma prática atenta perante as situações de

luto. Por esses motivos, inicio este capítulo com uma pergunta muito ampla, sem dúvida, mas ciente e desejosa de que ela possa gerar outras. Essa pergunta diz respeito às razões para o estudo do luto, que vão da necessidade de construir conhecimento com base no que se sabe sobre ele, considerando os desafios que emergem nesse campo, até a preocupação com aquele que poderá se beneficiar dele. O estudo deve também proporcionar uma visão de futuro, para o mundo que os indicadores atuais nos apresentam.

Na tentativa de responder a essa pergunta, farei uma breve passagem pela história dos estudos sobre o luto, chegando até os significados que o mundo contemporâneo deu ao fenômeno. Abordarei os estudos como fundamentos para você se compreender – inclusive com novas direções, que veem ao encontro de algumas indagações emergentes do nosso mundo que oferece possibilidades tão diversificadas na relação com a realidade –, para que entenda o luto, bem como, tratarei de parte do complexo processo de formação e rompimento de vínculos.

Tenho participado, desde 1997, de um grupo internacional que se reúne periodicamente e discute questões relativas à morte, ao morrer e ao luto, nas mais diversas perspectivas. O grupo é o *International Work Group on Death, Dying and Bereavement* (www.iwgddb.org) e me proporciona a oportunidade única da interlocução com pesquisadores e clínicos de diferentes origens e formações, no formato de grupos de trabalho, sobre temas de escolha dos participantes. Inicialmente, por cinco reuniões, participei do grupo que discutia luto complicado, e, recentemente, nas duas últimas reuniões, participei do grupo que discutia pesquisa em luto. A mudança de foco de interesse se justifica pelas necessidades que encontro no trabalho acadêmico e na prática clínica, e a exposição a diferentes olhares para o fenômeno. No grupo do luto complicado, discutimos a permanência da ideia de fases sucessivas no processo; a duração previsível; as diferenças culturais; as diferenças de gênero; os modelos teóricos para a compreensão, entre outros temas. No grupo da pesquisa em luto,

foram tratadas questões éticas e políticas referentes a essa pesquisa, bem como sobre os benefícios esperados e obtidos pelas pesquisas, a par com questões metodológicas.

Dessa experiência, ficam algumas poucas certezas e, em maior número, indagações. E não é assim que aprendemos? Aprendi que o tema é inesgotável exatamente pela sua constante atualização, se for estudado por aqueles que são sensíveis às demandas do mundo em que vivem. Aprendi que uma fundamentação teórica como proposição é indispensável, porém, é necessário também que o pesquisador seja flexível para se deixar desafiar por novas indagações, sem sair da posição ética, presente sempre que se tratar de pesquisa e intervenção com seres humanos. As muitas indagações surgem, talvez não nesses encontros com meus pares, mas sim do que levo tendo eles como base, na prática cotidiana, nas minhas pesquisas e na orientação de alunos que pesquisam sobre luto, nos meus atendimentos clínicos e nas supervisões que dou para psicólogos que querem aprender esse ofício de atender em psicoterapia as pessoas enlutadas, nos atendimentos psicológicos em situações de emergência que realizo e na escolha e no treinamento de psicólogos para essa atividade.

Apresento, portanto, essas questões, algumas ampliadas e outras reduzidas, com o intuito de colocar no cenário os tantos temas relacionados ao estudo do luto, em uma visão advinda das experiências contemporâneas. Destaco que, a respeito das questões relativas ao luto decorrente especificamente de situações de violência ou de mortes em massa, optei por não me aprofundar, embora reconheça a importância do tema, como potencial gerador de tipos traumáticos de luto. Sabidamente, o aumento da violência provoca a necessidade de ampliar estudos nessa área, pelo aumento da demanda de cuidados e na incidência de distúrbios psiquiátricos decorrentes do trauma. Abre-se uma discussão se o transtorno de estresse pós-traumático (Tept) necessariamente acompanha o luto e se luto traumático, pela perda inesperada e violenta, assim como o luto complicado